

KUPFER, D. A Caligrafia da Crise. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 13/06/2016.
Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/a-caligrafia-da-cri-se.ghtml>

A Caligrafia da Crise

13/06/2016

Há no ar uma compreensível ansiedade de todos com relação a que a economia brasileira, em vias de completar dois anos de queda livre, esteja finalmente alcançando o fundo do poço. É muito por causa dessa ansiedade que se está consumando um entendimento de que, se não o retorno do crescimento econômico, pelo menos a saída da fase aguda da crise é iminente.

Infelizmente, os sinais trazidos pelos dados das contas nacionais referentes ao 1º trimestre de 2016 recém-divulgados pelo IBGE mostraram-se contraditórios e nem com uma boa dose de otimismo dão suporte a essa visão. Diante de uma expectativa do mercado de queda do PIB da ordem de 0,8%, a retração de “apenas” 0,3% ante o trimestre anterior apurada para o período foi quase que unanimemente saudada como um fato altamente positivo. Contudo, uma apreciação mais ampla da fria realidade que os números revelaram sugere que, na melhor das hipóteses, a economia pode estar se estabilizando, mas em um patamar muito fraco. Na caligrafia da crise, pode se estar diante não de uma crise em U, como parece subjacente aos que acreditam que o “fundo do poço” ansiosamente esperado chegou, mas a uma crise em L.

O problema está no comportamento do investimento, que é o indicador antecedente mais relevante para sinalizar a evolução futura da economia. E esse comportamento não é nada animador. Aqui também se comemorou o fato de que as expectativas do mercado para a Formação Bruta de Capital Fixo convergiam para uma contração da ordem de 6% e a queda apurada foi de “apenas” 2,7%. Mas o fato é que a taxa de investimento continua muito baixa e uma variação negativa da ordem da ocorrida é muito grande, indício muito claro de que a recuperação está distante. Essa sensação sai ainda mais fortalecida quando se verifica que uma parte não desprezível dessa menor queda da formação bruta de capital não decorreu de decisões de novas inversões e sim de realização de investimentos públicos que estavam

represados pelo fechamento das contas do governo de 2015.

Do mesmo modo, fala-se também que a indústria vem ensaiando uma retomada. Alega-se que o setor vem sendo puxado pelo crescimento das exportações decorrente da desvalorização cambial. Mas essa expectativa tampouco encontra respaldo na realidade. Uma análise mais estrutural do drama vivido pela indústria brasileira pode ser resumida como se segue.

A produção de commodities de base mineral vive a fase de baixa de um ciclo longo global que poderá perdurar por cinco ou mais anos à frente. Ainda assim, o excesso de capacidade produtiva mundial que se acumulou na fase final do último auge, ocorrido na década passada, indica que a retomada, quando vier, se dará com pouco espaço para expansão, limitando-se a proporcionar uma melhora no grau de utilização das fábricas existentes. São portanto setores com pequena capacidade de contribuir para a reativação da economia nos próximos anos.

Situação distinta, e significativamente melhor, é a experimentada pelas agrocommodities, que ainda são fortemente competitivas no Brasil e mantêm condições de retomada tão logo a economia mundial comece a recuperar o dinamismo. Mas esses são setores que, embora historicamente importantes para a balança comercial, têm empuxo insuficiente para dinamizar a indústria. Fora isso, há ainda perspectivas favoráveis para os setores de alimentos industrializados e alguns ramos de bens de consumo durável e não durável menos comercializáveis como móveis e linha branca, que dependem da recomposição da capacidade de consumo doméstica para voltarem a exibir maior dinamismo.

O restante da indústria enfrenta fragilidades estruturais de difícil equacionamento, pelo menos em um horizonte temporal imediato. Particularmente preocupante é a situação do complexo metal-mecânico que, à exceção do setor automobilístico, já entrou fragilizado na crise e precisa passar por uma reestruturação de grande fôlego para assegurar a sua sobrevivência, que dirá para reconquistar o protagonismo que sempre o caracterizou.

Não é possível repetir o erro estratégico da década perdida de 1980 quando as mazelas macroeconômicas de então condenaram a indústria a subinvestimento e atraso tecnológico e organizacional. A economia mundial cada vez mais se ressentida de uma onda de incertezas políticas que vem se abatendo sobre um número crescente de nações, e que não está poupando nem os países centrais: a corrida eleitoral amalucada em curso nos EUA; o plebiscito britânico sobre a permanência na União Européia; as dificuldades de governo da franja mediterrânea da Europa, e assim por diante. Nesse contexto já de enorme complexidade, o

parlamento brasileiro resolveu promover uma ruptura política que elevou ao máximo o grau de imprevisibilidade que ronda a economia nacional.

Entre tantas incertezas, algo se pode afirmar com total certeza: o mundo não vai parar para assistir a forma bizarra - e errática - com que o Brasil resolve as suas crises políticas, éticas, econômicas. Segmentos importantes da indústria brasileira poderão não resistir a uma nova rodada de impasses que os mantenham em estado de paralisia em um momento em que a fronteira tecnológica mundial encontra-se em movimento acelerado, exatamente como ocorreu nos anos 1980.